

# A RUA POR TRÁS DA AVENIDA

## anotações sobre mobilidade urbana no cotidiano das crianças em situação de rua

Carolina Clasen<sup>1</sup>

### Resumo

O ponto de partida é uma observação de uma cena cotidiana protagonizada por crianças: o uso de patinetes *yellow* feito sem autorização através de transgressão da trava que ativa o percurso pelo aplicativo. Além do atípico amontoado de três crianças sobre o equipamento, a impossibilidade de usuários sem smartphone utilizarem os patinetes sugeriu certa demora na cena observada. Foi percebido aí como a ética criancieira desloca-se em função de um bando e esse manejo cotidiano será observado nesta escrita a partir de suas formas coletivas e imaginárias. A aposta criancieira é de que a atuação da infância enfrenta diretamente uma experiência das cidades que se pretende democrática, mas amputa da criança uso do espaço público na contemporaneidade. Foram observadas cenas urbanas da Av. Paulista, na cidade de São Paulo, durante cinco turnos que continham condições adversas. Formou-se assim, um apanhado narrativo munido de repertórios gestuais criancieiros que impregnaram as teorias urbanas de infância.

Palavras-chave: mobilidade urbana, crianças em situação de rua, urbanismo contemporâneo.

### Resumen

El punto de partida es una observación de una escena cotidiana protagonizada por niños: el uso de patinetes *yellow* hecho sin autorización a través de transgresión de la trava que activa el recorrido por la aplicación. Además del atípico amontonado de tres niños sobre el equipo, la imposibilidad de usuarios sin smartphone utilizar los patinetes sugirió cierta demora en la escena observada. Se percibió allí cómo la ética criancieira se desplaza en función de una banda y ese manejo cotidiano será observado en esta escritura a partir de sus formas colectivas e imaginarias. La apuesta criancieira es que la actuación del niño enfrenta directamente una experiencia de las ciudades que se pretende democrática, pero amputa de la infancia el uso del espacio público en la contemporaneidad. Se observaron escenas urbanas de la Av. Paulista, en la ciudad de São Paulo, durante cinco turnos que contenían condiciones adversas. Se formó así, un recuento narrativo provisto de repertorios gestuales creatistas que impregnaron las teorías urbanas de infancia.

Keywords: urban mobility, street kids, contemporary urbanism.



Figura 1 – Territórios em trânsito: Av. Paulista, quinta-feira 17h47min. Fonte: Acervo da autora2019

### Introdução

A escrita inicia no compromisso com o enfrentamento das hegemonias a partir de práticas artísticas e produções teóricas que buscam reflexões sobre o discurso e seus consensos. Isto dispõe o corpo que enuncia este percurso teórico às observâncias de um cotidiano ao avesso, por isso a intenção de apresentar uma rua por trás da avenida. Qual corpo cabe na Av. Paulista? A rotina extraordinária da rua experienciada por crianças é o motim de uma reflexão preocupada em apontar as questões da cidade contemporânea despertadas pelo uso da mobilidade compartilhada. Um dispositivo de duas rodas com aro quatro, separadas por pequena plataforma suficiente para o posicionamento dos dois pés que sustenta um guidão por uma haste de alumínio que vai até a altura do tronco. As proporções aqui narradas estão pautadas no corpo tal qual as narrativas corbusianas, assimilando o contexto moderno do uso do espaço e expulsando a criança dessa formatação corpórea. Vale apontar de antemão que o método da cartografia ramificado da filosofia francesa contemporânea, foi adotado em sua possibilidade afetiva mais genuína, pois esta escrita começa durante um desvio cotidiano em que três crianças em situação de rua romperam um lacre do patinete operado pela start-up *Yellow* e utilizaram-no juntos, amontoados, transformando seu uso e devolvendo à Avenida Paulista seu status de rua. A dispersão do trajeto proporcionada pela mobilidade criancieira, invocou uma perseguição, apontamentos, interrogações e este artigo é um dos movimentos teóricos gerados a partir deste encontro.

Sem a pretensão de desestabilização do campo da mobilidade urbana a cena disparadora da escrita, narrada recentemente, aponta, porém, algumas questões que tão pouco são amistosas. A quem está permitido o uso das soluções contemporâneas de mobilidade compartilhada? Ou seja, os perfis referência reiteram sua hegemonia, operando ainda a partir de um modutor. Para aos deslocamentos no tratamento das questões formais de deslocamento cedemos às bordas da cidade questões pontuais de chegadas e partidas dentro das rotinas impostas pelo trabalho. Os patinetes Grinn e bicicletas *Yellow* não transbordam a zona composta pelos bairros do Morumbi e

<sup>1</sup> Vinculada ao Programa de Especialização em Planejamento e Gestão das Cidades (PECE-POLI-USP) é mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU-2018) e arte-educadora graduada pela mesma instituição (2014).

Pinheiros, zona Oeste de São Paulo<sup>2</sup>. Há que considerar a redução da frota de transporte coletivo aos finais de semana e feriados, para reforçar uma reflexão sobre como os limites da democratização das cidade estão impostos não apenas na oferta de serviços, mas na disposição de instrumentos para apropriação dos territórios que são elitistas e, sobretudo, contribuem para apartar os territórios periféricos e centrais da cidade.

Diante disso, a formatação deste temporal de afetos crianceiros como trajeto teórico se propõe como apontamento inicial, a fim de contribuir para a elaboração de experiências referentes às temáticas tangentes: infância, cidade e mobilidade. No compromisso de acirrar uma produção teórica urbana ainda muito amarrada nos nós modernos, coube aqui uma expedição da infância como uma experiência da rua pela rua. Uma observação tratada com certa linearidade para reiterar a necessidade da produção de diferenciações teóricas, que estimulam a reinvenção de indicadores ou alternância de tais posições. Pois, os processos de criação fazem parte dos dados qualitativos ainda que em escala menor e talvez essa seja uma das principais contribuições da filosofia e da arte para a ciência, assumir os meandros subjetivos que apontam e constroem as narrativas acadêmicas. Não seria necessário dizer que sou usuária dos patinetes, porque sou um corpo em deslocamento cotidiano em diversas escalas e quilômetros. Mas talvez seja muito importante a ressalva de que esse corpo em deslocamento é de uma mulher com estatura média, vulnerável às abordagens misóginas presentes desenfadadamente na rotina das metrópoles e com necessidades cotidianas de uso do transporte coletivo noturno, portanto, atenta às soluções da cidade.

### A criança

A necessidade de compreender a localização e as experiências cotidianas das crianças com a cidade, requer certo entendimento das abrangências da infância através dos recortes classistas e indicadores da própria experiência crianceira percebidos através da gestologia da criança. A sociologia da infância comprometeu-se nos últimos anos a caracterizar a criança e as infâncias do território brasileiro se descolando dos paradigmas europeus, isto porque o retrato destas experiências explicita diferenças agudas quando percebidas a partir das perspectivas contemporâneas. Com isso, para que a criança tome a frente da narrativa sobre a experiência de mobilidade urbana aqui traçada, serão apresentados dois principais indicadores que subsidiam uma reflexão acerca das práticas cotidianas do território em questão. Da situação: i) de rua; ii) na rua.

Isto posto, os primeiros apontamentos indicam o recortes quanto a criança em situação de rua, número crescente no contexto brasileiro; seguidos de uma revisão da espacialização da experiência crianceira na rua, no que diz respeito ao uso do espaço.

Os dados produzidos por organizações públicas sobre a população de rua de até 12 anos, retomam referências da estrutura moralista que mantém o senso comum caritativo e amedrontado de um não-cidadão. Com isso, para a descrição comprometida com o enfrentamento desta estrutura, foi preciso vasculhar uma matriz legislativa que regula essa inserção crítica da criança.

As autoras Irene Rizzi e Renata Mena (2017) produziram pesquisa com recorte dos últimos quinze anos e a partir dos territórios brasileiros, resultando na publicação *População infantil e adolescente em situação de rua no Brasil: análises recentes*. Importantes levantamentos são apresentados como causalidades da rua não apenas a situação de, por exemplo.

<sup>2</sup> Até o momento desta submissão, foi anunciada a intenção de implementação de dispositivos de micro-mobilidade e localizações do Bairro Capão Redondo, por parte da empresa Yellow.

Além disso, através do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA e a Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente - SNPDCA, por meio de parceria com o Instituto de Desenvolvimento Sustentável - IDEST, que existe levantamento com o objetivo de nortear o aprimoramento de políticas públicas e a construção da Política Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente e do Plano Decenal. Contudo, o que se aponta nas tarefas de tais órgãos é a preocupação exagerada em gerar números quase limitados e encerrados neles mesmos. O próprio CENSO assume sua incapacidade em aprimorar metodologia de análise destes dados devido as características territoriais das crianças e adolescentes em situação de rua, que estão constantemente em movimento. Ainda assim, é percebido um perfil traçado que pode interessar à constituição de um recorte, em que 71,8% destas corporalidades de até doze anos são identificados como masculinos e 73% declarados não-brancos (CONANDA, 2017). Estes números são trazidos como reafirmação da urgência dos recortes de classe na infância latino-americana, que acompanhe os dados da experiência infantil os 13,8% das crianças que não se alimentam e as outras tantas porcentagens que demonstram violência doméstica, sexual, estrutura familiar e acompanhamento escolar.

A privação da infância às crianças em situação de rua aponta a hegemonia burguesa que mantém precária a situação desse recorte, acreditando na potencial mão-de-obra submissa e barata dos próximos anos. Já que mais de 65% das crianças e adolescentes em situação de rua exercem algum tipo de atividade remunerada. Quase 30% destes números costumam pedir auxílio ou alimentos para sobrevivência aos transeuntes, assumindo a posição de subalterno na sociedade. É essa posição, a de subalterno, que atua diretamente como mantenedora dos ideais caritativos da burguesia, como aponta Donzelot (1986).

Esses são componentes de um plano de compreensão da infância e suas implicações sociais que carrega impregnados das multiplicidades da criança. Desta forma, a descrição etária não apenas busca um significado na sua socialização mas uma compreensão de que experiência é essa em seus desafios cotidianos, na vivência de um corpo impedido de entrar em lugares, de alimentar-se, de falar provocando sua condição infanti (AGAMBEN, 2010). Diante disso as urgências, acerca dos recortes da experiência da mobilidade urbana e dos territórios estabelecidos pelo mercado financeiro na Avenida Paulista, mas mais profundamente sobre quanto a criança é, ao mesmo tempo, universal, individual, singular. A infância desvela através da criação as relações éticas, encarnando um movimento que é sobretudo político na sociedade, já que as crianças podem ser tidas como "povo de traços específicos", no saber de Deleuze, "um povo que falta, que ainda não existe, o povo a ser inventado" (DELEUZE, 1997, p. 22).

Esta perspectiva coloca a criança e sua relação com a cidade, em diferentes escalas, numa inversão hierárquica não só discursiva mas atuando nos territórios em questão. Se a criança fala, está tomando posse de uma lacuna discursiva que é dos excluídos, dos inseridos criticamente, do subalterno. Com isso, não há que inventar uma criança para tratar suas narrativas a partir de perspectivas adultocêntricas, mas observá-la, pôr-se à espreita de sua cotidianidade e alargar as pesquisas do tema como contraponto dos paradigmas teóricos. A rua que emerge por trás da avenida não é uma possibilidade fantástica, mas justamente pela sua imprevisibilidade quase da ordem da fantasia o imprevisível é considerado em sua impossibilidade descritiva. É o porvir da rua, a criança em situação de rua aponta um horizonte que devém da experiência antirracista, classista e a produção espacial é possuída pela criação do espaço em detrimento da reprodução dele.

As crianças não são autorizadas a brincar na cidade embora essa imagem da brincadeira na rua seja uma das principais referências de apropriação do espaço público em um lugar com bons índices de segurança e qualidade de lugar. Imagina-se

deste partido que existe uma inusitada capacidade de discussão ética dos territórios se tomados pelas perspectivas da criança pelas suas relações coletivas, fundamentadas principalmente nas suas formas discursivas. E é neste viés que a revisão da infância e suas implicações com a cidade contribui neste percurso, como enfrentamento direto dos limites democráticos do urbanismo contemporâneo.

Para tanto, retoma-se a cena. Existe ali um bando. Difere-se em altura e indumentária do resto do ambiente. Se vistos de longe possuem em seu plano de fundo um sem fim de espelhos, retângulos envidraçados cujo reflexo não lhes é autorizado. Nenhum dos três pivetes tem o requerimento necessário para se ver crescer, não cumpre as regras necessárias para olhar para o corpo em transformação. O autocuidado do bando não diz respeito ao próprio corpo, às percepções aguçadas de si, o reconhecimento necessário para esse cotidiano é o do coletivo. O pertencimento que se busca não é de um código postal, comunitário, mas de um território em trânsito que ressignifica seu propósito constantemente. É inevitável não imprimir na escrita, uma cartografia dos trânsitos, da intransigência corpórea que é ser criança na Av. Paulista. Enquanto os grupos em situações quase sempre monocromáticas correspondem às instituições econômicas que regem a cidade, os tons criancieiros dissolvem-se reivindicando uma paisagem em colapso, do jogo, da brincadeira. Percorrem a correria da rotina desvairada, entre um e outro cone humano estaque e atento às transições da moeda americana, não da criança. Neste contexto um hare-krishna está mais próximo do gerente do Banco Safra que da criança que brinca. Eles, os devotos da religião indiana, também são monocromáticos e cá nesta Av. buscam subsistência. São essas cenas, mais que delas mesmas como protagonistas, que fazem a crianças manterem suspensa a possibilidade intolerante de praticar a diferença.

Carregando em si a marca da agenda urbana que resolve as implicações imobiliárias, os três meninos em situação de rua colocam a mobilidade urbana também neste plano situacionista. Não me furto aqui da referência aos psicogeógrafos franceses, combatentes do espetáculo das luzes. Mas é urgente o recorte latino-americano, a cidade brasileira e, sobretudo, não europeia. Interrogar as questões urbanas e suas macrozonas contém em si um chavão às resoluções e práticas do contexto da modernidade, diante disso, a operação fenomenológica quer dizer de aqui e agora. Fingir ignorar uma égide para quicá transpor seus limites é o primeiro apontamento da observação criancieira, já que essa criança aqui não possui e não pertence a um Estado.

As observâncias compunham certa antropologia do gesto, não de maneira conceitual, mas refletindo acerca das composições gestuais das corporalidades nômades, por condição sem Estado. Não a nomadologia, como aponta Deleuze (, ou a gestologia como comprometeu-se Pasqualino Devita (2016) em outrora em seus escritos anônimos – referência. Nem um nem outro, posto que:

Mas o questionamento das consolidações de um modelo cotidiano realizados na criança que transgrediu gestualmente a mobilidade compartilhada. Rompeu o lacre, avançou quadras da avenida. Uma vivência da rua extemporânea, que não manifesta seu tempo consensual. O cotidiano de Michel Certeau auxilia na compreensão da constituição do comum, “(...) postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1994 , p. 46) compactuando com uma ordem gestual das temporalidades vigentes na Avenida.

Pareceu ser esta uma das possibilidades que potencialmente realiza a intenção da micromobilidade compartilhada. E isto não pelo tratamento da infância em uma escala menor mas por ser esse o recorte que permitiu perceber a genuína intenção de compartilhamento de equipamentos para uso em pequenas distâncias: uso coletivo.

a oferta de equipamentos para uso compartilhado, disponível para usuários de smartphones e familiarizados com o uso de aplicativos, coloca em questão soluções que reiteram as desigualdades sociais enfatizadas no cotidiano das grandes cidades com diretrizes que impedem práticas cotidianas contra-hegemônicas.

romper o lacre dados os encontros, a articulação das pautas das infâncias contemporâneas e da produção do espaço auxiliarão a revisão do cotidiano como conceito dorsal.

### O patinete

Para descrição do nosso personagem amarelo, uma ressalva quanto às estruturações da mobilidade urbana há que ser feita. Motivação e modal utilizado entre trajetos demarcados por seu início e fim configuram o padrão de levantamento das pesquisas tangentes a mobilidade urbana. A pesquisa de caráter quantitativo já assume outras variáveis quando transborda o campo da Engenharia de Tráfego mas ainda é composta por metodologias limitadas. Considerando o recorte criancieiro quanto ao uso de micromobilidade, existe uma intenção sociopolítica em entender a circulação urbana (VASCONCELLOS, 2000) já que não recomendada a criança qualquer autonomia quanto a feitura de seus caminhos na cidade e, quando olhamos para as crianças em situação de rua, esta limitação é incisiva em seus percursos. A Escola de Lancaster (ARAÚJO, 2004) preocupada com pesquisas fenomenológicas e metodologias qualitativas, auxilia na compreensão de uma tradição urbana centrada nas relações econômicas. A partir deste viés, URRY (2004) denominou o sistema de automobilidade como um movimento sistêmico, não linear e auto-organizativo. É importante citar nesta escrita tais perspectivas contemporâneas, pois cá estão postos aspectos do deslocamento cotidiano atentos também às desigualdades (VANINI, 2010). É justamente na alteração dessa escala da mobilidade que a micromobilidade compartilhada tem atuado, compreendendo uma lógica da cidade contemporânea que se estabelece a partir de novas temporalidades e vínculos.

Posta a micromobilidade de forma a compreendê-la conceitualmente, retomamos as observâncias que nos trazem pontualmente às reflexões aqui tratadas. O patinete ilustra, de antemão, uma atividade da infância. Sobretudo quando este brinquedo é posto na contramão do fluxo, atirado no canto da calçada atrapalhando as pernas apressadas que perambulam a Paulista. No entanto, transformado em equipamento de mobilidade compartilhada só pode ser utilizado por um adulto. E um adulto usuário de smartphone. E um usuário de smartphone familiarizado com uso de apps e cartão de crédito. Ou seja, os conceitos e estruturas que regem a mobilidade compartilhada são imperativos ao colocar-se a serviço da cotidianidade burguesa.

### O lacre

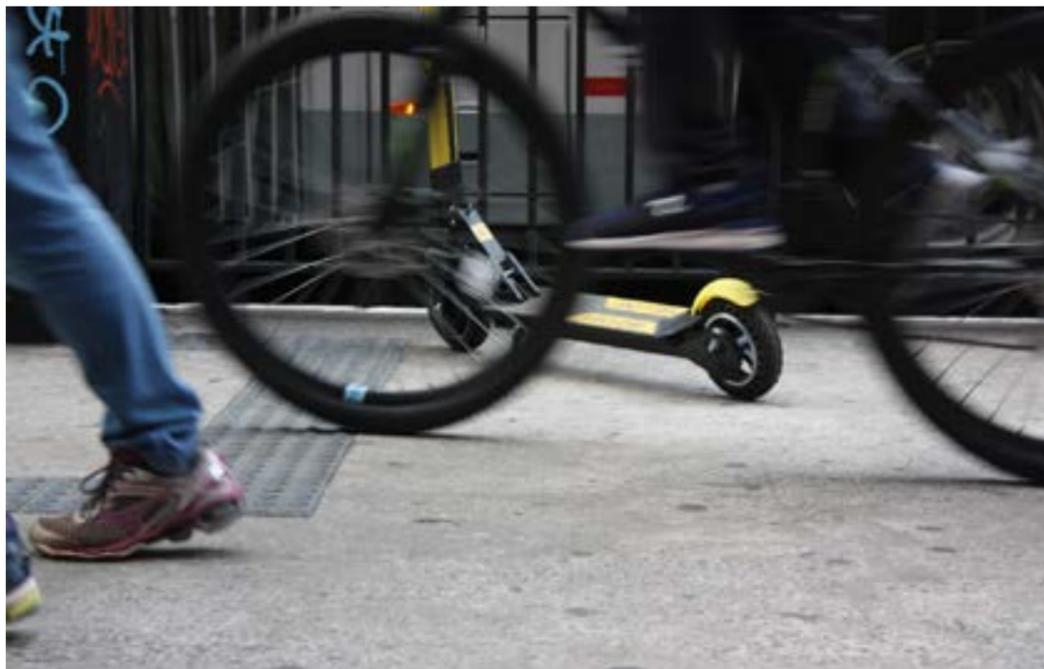
À espera do próximo usuário, o patinete distante área de atuação ou de uma das estações Yellow, instala no cotidiano da Av. Paulista uma atenção às práticas corporais, aos gestos que o território representativo do mercado financeiro estabelece aos seus passantes. Casualmente nesta microzona infestada de patinetes e bicicletas coloridas não existem equipamentos infantis, são quase escondidos e inacessíveis os do Parque Trianon. Pressupõe-se que por ali não transitam crianças e os patinetes não sejam sequer pensados para elas, pois são produzidos sob justificativa de encurtar distâncias. O estímulo às resoluções rápidas aos empecilhos cotidianos recupera reflexões em uma escala maior, do planejamento urbano em suas infraestruturas de mobilidade.

Os patinetes dispostos como equipamento público aguçam os conflitos do uso do espaço público porque mantém ainda mais distante a livre circulação de uma autorização

Figura 2 Patinete Yellow: detalhe, Av. Paulista. Fonte: Acervo da autora, 2019



Figura 3 Era um patinete, Av. Paulista nas imediações do Parque Trianon. Fonte: Acervo da autora, 2019



sutil, quase invisível na contemporaneidade, que é a apropriação da dinâmica dos aplicativos. Isso porque o acirramento de conflitos relativos à prioridade de uso das calçadas não é uma decorrência apenas do surgimento de novas tecnologias em transporte, é principalmente fruto do limitado espaço destinado às pessoas que se deslocam a pé pela cidade.

É por isso que a infância não é eleita como recorte etário da observação para reflexão teórica aqui tratada. É a infância ela mesma, nas suas atividades cotidianas, que escolhem a sociologia urbana para colocar em jogo suas delimitações sociais. Pois, as condicionantes para o uso da mobilidade são postas aqui quase metaforicamente para discutir os territórios estabelecidos no cotidiano das cidades em que a criança é inserida criticamente, seja pelo fluxo adiantado das pernas, por seu formalismo ou por

práticas do espaço que negam a diferença.

O jogo dos territórios da infância - com atenção especial às [crianças] em situação de rua - brinca com a permissividade que, por sua vez, corre com a manutenção do incapaz. É imprescindível que a gama conceitual do cotidiano aqui tratada, pressuponha a infância como um instrumento analítico posto que o cotidiano é um conceito operacional, pois permite uma análise crítica do — real (LEFEBVRE, 1981, p.27) e a criança estabelece condicionantes éticos, apontando a estrutura moral matriz desta operação.

### Três crianças, nenhum lacre. Agora era uma bicicleta amarela

A cena narrada com as crianças na Av. Paulista põe uma questão para a discussão do direito à cidade: pode a infância anunciar um poder coletivo deformador do processo de urbanização?

Sobrepostos os campos conceituais e empíricos da sociologia urbana e da infância, podem ser vistos instrumentos discursivos similares de constituição coletiva para o enfrentamento da moralidade. Fundamentalmente não faz sentido a apologia à desmoralização das relações, reiterando uma relação dicotômica. A moral, se vista sua genealogia junto ao pensamento filosófico nietzchiano, corresponde à necessidade de estabelecer regimes de bondade, apontando talvez a reconfiguração do regime consensual comum, o cotidiano. Essa revisão fissuras juntos às lacunas produzidas pelo capitalismo e a reprodução do espaço, dando pistas para transformações coletivas pautadas a partir de uma escala ética, a ética do encontro, do gesto, do devir, do jogo do território. Os riscos inconciliáveis e inseguráveis apontados no regime social-democrático, não são inimigos nesta reconfiguração cotidiana e reiteram que “a emancipação não é mais que um conjunto de lutas processuais, sem fim definido. ... O socialismo é a democracia sem fim.” (grifo do autor) (SANTOS, 2006, p.277)



Figura 4 Micromobilidade compartilhada, desdobramentos e recorte de classe. Largo da Batata, 23:48 Fonte: acervo da autora, 2019

Essa emergência por novas espacialidades e atuações espaciais é vista no sem fim de dispositivos amarelos, laranjas, verdes. Bicycletas que veiculam a potência de instituições bancárias e o valor de uso (LEFEBVRE, 1968) do espaço urbano estabelecido pela relação direta com o usuário. A criança, mesmo em sua tutela aburguesada, é amputada da instrumentalização econômica e em face disso desafia

o uso dos modelos contemporâneos do compartilhamento do espaço através da sua extemporaneidade porvir, da infância como hiato (AGAMBEN, 2010) capaz de destruir a livre circulação velada proposta pelo neoliberalismo através da afetação. Portanto, o pensamento se produziu não para discutir a circulação, embora não tenha deixado de fazê-lo. Eu aprendi com o Zain, com o Yonas, com o Bolinha, com a Maria, com a Elena a habilidade criancieira de perambular em diversos compassos éticos e esse artigo, as transições teóricas e as observâncias arruaceiras, assumiram um espaço no cotidiano como um convite para que não se perca a capacidade de afeto.

### Referências Bibliográficas

- DAMATTA, R. (1991). A casa e a rua, Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. 2ª edição. Rio de Janeiro, editora Graal, 1986.
- FERREIRA, T. (1993). Os Meninos e a rua - Uma interpelação à Psicanálise.
- FHEMIG nº 9, Publicação da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças
- GONTIJO, Daniela Tavares ;MEDEIROS, Marcelo. Crianças e adolescentes em situação de rua: contribuições para a compreensão dos processos de vulnerabilidade e desfiliação social. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2009, vol.14, n.2, pp.467-475. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000200015>.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de and Jinzenji, Mônica Yumi. Escolarizar para moralizar: discursos sobre a educabilidade da criança pobre (1820-1850). Rev. Bras. Educ., Abr 2006, vol.11, no.31, p.114-132. ISSN 1413-2478
- KRAMER, S. (Org.). Educação Infantil: enfoques em diálogo. Campinas: Papyrus, 2011.
- OLIVEIRA, Fabiana Luci de. Sociologia da Infância no Brasil: quais crianças e infâncias têm sido retratadas? Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 8, n. 2, jul.- dez. 2018, pp. 441-468.
- RIZZINI, I (org.). População infantil e adolescente em situação de rua no Brasil: análises recentes / Irene Rizzini; Renata Mena Brasil do Couto. - 1a ed. - Rio de Janeiro: CIESPI, 2018
- ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. In: BENTO, M. A. da S. (Org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: CEERT, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Pelas mãos de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2006
- SILVA, Cristiane Irinéa. Acesso de crianças negras à educação infantil. In: ROCHA, E. A. C.;
- SOARES, Sergei. A demografia da cor: a composição da população brasileira de 1890-2007. In: THEODORO, M. (Org.). As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição. Brasília, DF: Ipea, 2008. P. 97 -117.
- VANDENBROECK, Michel. Diversos aspectos de la diversidad. Infancia em Europa, Barcelona, n. 13, p. 8-9, 2007.

Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – CONANDA <https://www.direitosdacrianca.gov.br/migrados/pesquisa-do-conanda-revela-as-condicoes-de-vida-de-criancas-e-adolescentes-em-situacao-de-rua> <https://www.yellow.app/patinetes-eletricos/>